



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE
DO PARANÁ**

Campus Cornélio Procópio

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO**

ANA CAROLINA DE SOUSA

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

**UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA NA
BIBLIOTECA**

ANA CAROLINA DE SOUSA

PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA NA BIBLIOTECA

Produção Técnica Educacional apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Norte do Paraná – *Campus* Cornélio Procópio, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Marilucia dos Santos Domingos Striquer

Ficha catalográfica elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UENP

SS725p Sousa, Ana Carolina de
UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA NA
BIBLIOTECA / Ana Carolina de Sousa; orientadora
Marilucia dos Santos Domingos Striquer - Cornélio
Procópio, 2021.
44 p. :il.

Produção Técnica Educacional (Mestrado
Profissional em Ensino) - Universidade Estadual do
Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da
Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino, 2021.

1. . I. Striquer, Marilucia dos Santos Domingos ,
orient. II. Título.

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 – Versão inicial da resposta/texto.....	37
Tabela 2 – Versão final da resposta/texto	39
Quadro 1 – Destaque das ideias centrais do conto “Os onze cisnes da princesa”...	19
Quadro 2 – Parte 1: a situação inicial e a complicação.....	25
Quadro 3 – Parte 2: As ações que encaminham para a resolução do conflito	28
Quadro 4 – Parte 3: A resolução e a situação final	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COVID-19	Corona Virus Disease (Doença do Coronavírus)
PPGEN	Programa de Pós-graduação em Ensino
UENP	Universidade Estadual do Norte do Paraná
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	9
1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: LINHA TEMPORAL DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS.....	9
1.1.1 Concepções de Leitura	10
1.1.1.1 Perguntas de leitura	11
1.1.1.1.1 <i>Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura</i>	<i>13</i>
2 PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL	14
2.1 UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA NA BIBLIOTECA	14
2.1.1 Perguntas Pré-Leitura	16
2.1.1.1 Segundo bloco: a leitura do conto e as perguntas durante a leitura	18
2.1.1.1.1 <i>Terceiro bloco: após a leitura</i>	<i>36</i>
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

Em meio a tanta discussão sobre a importância da leitura e também a tanto incentivo, com frases emblemáticas que colocam a leitura como poderosa ferramenta para a formação, crescimento e ascensão pessoal, surge o questionamento: só o incentivo basta para que uma criança, jovem e até mesmo um adulto adquira o hábito da leitura? Na mídia televisiva, em projetos educacionais e sociais de secretarias municipais, estados e do governo esse assunto está sempre em evidência. Mas em meio a tanta propaganda, tais projetos sociais e programas do governo têm, de fato, levado os brasileiros a melhorarem a compreensão leitora e a desenvolverem cada vez mais esse hábito? É inegável a relevância dessa divulgação e também a democratização ao acesso a livros e outros materiais de leitura, mas isso não garante que a leitura entre em cena e mais, que as leituras sejam compreendidas.

Pesquisas revelam um baixo índice de desempenho leitor dos brasileiros. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), por exemplo, mostrou que apenas metade dos estudantes brasileiros, em 2018, atingiram o nível mínimo esperado ao serem testados a identificarem a ideia principal de um texto de média extensão; a encontrarem informações mesmo tendo recebido instruções explícitas; e a identificarem o objetivo e a estrutura formal de textos” (CERIONI, 2019). A referida pesquisa, realizada com estudantes na faixa etária entre 15 e 16 anos, foi respondida, em 2018, como posto, por 10.691 estudantes brasileiros, de 638 diferentes escolas distribuídas em todo o território nacional.

Diante dessas questões e paralelo à nossa experiência profissional, nasceu a motivação para elaboração de uma proposta de intervenção didática para o trabalho de formação do leitor em bibliotecas. Trabalho este que foi desenvolvido com crianças, na faixa etária entre 10 e 12 anos de idade e que, a princípio, tinha como cenário para o seu desenvolvimento as bibliotecas (escolares ou não) mas que poderia também ser desenvolvido em salas de aulas, e que resultou no Caderno Didático, o qual pode ser melhor compreendido na Seção 2 deste trabalho. Pensamos nesse espaço como cenário para implementação da nossa proposta tendo em vista o caráter formador de leitor que esse espaço carrega por si só. Também porque, é esse o local de trabalho de uma das participantes da pesquisa. A

biblioteca a qual nos referimos é pública, mantida por um serviço social. Lá, há uma clientela que vai da mais tenra infância à pessoas da terceira idade. São realizados empréstimos de livros e gibis, mediante um cadastro gratuito. Também nesse local, são realizadas mediações de leitura, contações de histórias, encontros entre leitores, apresentação de dicas de livros para todas as faixas etárias, decorações temáticas, enfim, tudo o que se refere ao mundo da leitura e que traz mais vida a uma biblioteca.

Portanto, esse caderno didático, parte integrante da dissertação, fruto da participação no Programa de Pós-graduação em Ensino – Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), foi pensado e elaborado para outros orientadores de atividades, que atuam em bibliotecas. Nossa intenção é, por meio desse produto educacional, dar suporte àqueles que trabalham com a formação e desenvolvimento do leitor. Este material foi desenvolvido tendo como suporte a metodologia da ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA E MENEGASSI, 2018). Nossa pesquisa tem caráter qualitativo e configura-se como pesquisa-ação.

A leitura e as atividades que a acompanham nesse processo (antes, durante e após a leitura propriamente dita) eram para serem realizadas, portanto, nesse espaço a que nos referimos. No entanto, o mundo foi surpreendido com a notícia de uma pandemia. Escolas, bibliotecas, espaços de lazer e cultura precisaram ter seus atendimentos interrompidos e somente serviços essenciais para provisão de alimentos e sistemas de saúde continuaram atendendo. Assim, desde março do corrente ano, as escolas estão sem aulas presenciais e, claro, os atendimentos nas bibliotecas também foram suspensos. Na biblioteca em questão, por exemplo, o atendimento foi totalmente paralisado entre os meses de março a julho de 2020.

Com as portas fechadas, sem empréstimos e, muito menos, consulta de livros no local, houve a necessidade de rever a implementação do nosso trabalho. Com isso, alteramos nossa forma de intervenção didática, pois os dois espaços: a biblioteca como o local ideal e as salas de aulas como uma segunda opção, não tinham previsões para reabrir e dar andamento nos atendimentos presenciais. Redirecionamos nosso trabalho: o texto para leitura e as perguntas continuaram sendo os mesmos; ou seja, um conto maravilhoso e perguntas de

leitura referentes ao texto, elaboradas nos preceitos da metodologia de ordenação e sequenciação (SOLÉ, 1998; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA E MENEGASSI, 2018). A forma de intervenção, essa sim, precisou ser alterada.

Frente à necessidade de darmos andamento [a](#) nossa pesquisa e ao mesmo tempo, atender ao cumprimento de isolamento social devido à pandemia do Covid-19, organizamos uma pasta contendo 1 cópia do texto impresso “Os onze cisnes da princesa”, o qual faz parte da coletânea de contos *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2002) de Ricardo Azevedo e um conjunto de perguntas de leitura, elaboradas com base na perspectiva interacionista de linguagem, seguindo os preceitos da metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de leitura (SOLÉ, 1998; MENEGASSI; ANGELO, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018). Também foram entregues, junto ao material de leitura os termos de consentimento e assentimento. Entre os dias 12 e 15 de setembro de 2020 levamos nas respectivas residências esses materiais, primeiro recolhendo as assinaturas no termo e estipulando um prazo para recolhimento. Os participantes da nossa pesquisa também se mantiveram, porém, em um número bem reduzido, pois se caso a biblioteca voltasse aos atendimentos presenciais, pudéssemos fazer tudo com segurança e seguindo as normas das agências regulamentadoras. A escolha para compor nosso grupo de participantes levou em conta a frequência em que essas crianças vão à biblioteca. Inicialmente, pretendíamos formar um grupo mais quantitativo, contudo, no contexto de pandemia, vimos como importante reduzir o grupo, em vistas de não ter nenhuma previsão, em 2020, se poderíamos implementar o projeto de forma presencial. Assim, participaram 3 meninos e 2 meninas, com idades entre 10 e 12 anos de idade. O prazo para leitura e realização da atividade proposta, no caso, as perguntas de leitura, foi de 1 semana. Porém, esse prazo precisou ser aumentado devido à grande carga de tarefas escolares que nossos participantes tiveram nesse ano letivo. As pastas foram recolhidas entre os dias entre os dias 26 a 28 de setembro do ano de 2020. Para análise dos resultados, tomamos como parâmetros as respostas por nós elaboradas. Elaboramos, para cada pergunta de leitura, uma resposta, com exceção das perguntas interpretativas. As análises compararam as respostas dadas pelos participantes às nossas esperadas e, como parâmetro para avaliar a compreensão leitora, baseamo-nos nas que se aproximaram ou distanciaram das respostas

sugeridas. Quanto maior a aproximação, entendemos como maior compreensão leitora.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

1.1 UM POUCO DE HISTÓRIA: LINHA TEMPORAL DOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Com amparo em estudos de pesquisadores como Solé (1998), Menegassi (2010), Menegassi e Angelo (2010), entre outros que contribuíram (e ainda contribuem) sobre conceitos de leitura e ensino da leitura é que, nas linhas a seguir, discorreremos sobre questões acerca do ensino da leitura. Para iniciar, apresentamos um pouco sobre as concepções de leitura e suas influências no processo de ensino. Acredita-se ser esse o pontapé inicial para que seja compreendido, logo de antemão, o quão importante é para o professor ou orientador de atividades conhecer as concepções que fizeram história no ensino de leitura e, conseqüentemente, entender o porquê de carregarmos (enquanto professores/orientadores) tantos modelos prontos por meio de práticas pedagógicas sem sucesso no que diz respeito ao ensino da leitura. A pergunta é: Por que muitos leitores não compreendem o que leem? Para responder a essa questão buscamos em Menegassi e Angelo (2010) um panorama das tendências que influenciaram a maneira como foi concebida a leitura ao longo do século XX.

Os autores explicam que, a princípio, o ato de ler resumia-se ao ato de decodificar. A Linguística, ciência responsável em estudar a linguagem humana, não considerava o texto como um objeto de estudo, de análise. O que se analisavam eram as unidades isoladas da língua: fonema, letras, sons, palavras e frases; tudo separado. Porém, com o avanço nos estudos da área, viu-se que não bastava a decodificação para que houvesse compreensão leitora e o foco passou a ser então as frases; as sentenças. No entanto, ainda era falho o fato de a Linguística ter como objeto de estudo apenas a frase, pois esta era retirada de seu contexto. Sabemos, devido a muitas experiências na vida escolar e acadêmica, que o contexto é imprescindível para compreensão de uma frase; de um enunciado. Quantas vezes a imprensa copia trechos de entrevistas e veicula esse material na mídia como uma frase marcante mas que não representa tudo aquilo que o entrevistado disse? Pois

bem. Frente a essa incompletude, nasceu a Linguística Textual, opondo-se às correntes anteriores e o texto passou a ser visto como um objeto de estudo. Outras duas correntes teóricas nasceram junto à Linguística Textual: a Pragmática e a Análise do Discurso. Ambas complementaram o estudo do texto pelo fato de, respectivamente, estar preocupada com o porquê o autor diz o que diz e o momento sócio-histórico da leitura. Assim, a intencionalidade do autor deixa de ser o foco, pois o texto passa a ser visto como um ato dialógico em que autor-texto-leitor conversam entre si em dado momento histórico. Isso significa dizer que todas as impressões e vivências do leitor passam a ser consideradas para o entendimento do texto, assim como condições sociais, históricas e ideológicas (MENEGASSI; ANGELO, 2010).

Importante compreender tais fases pois as práticas pedagógicas amparam-se nessas concepções, ou seja, é a concepção de leitura que o professor tem que o move para suas ações didáticas, conforme o que expôs Solé (1998). Assim, temos um misto de concepções e maneiras de trabalhar com a formação do leitor nas escolas, como colocam Menegassi e Angelo (2010). É exatamente sobre tais concepções de leitura que iniciamos a próxima subseção.

1.1.1 CONCEPÇÕES DE LEITURA

Trabalhar com ensino, seja qual for a área, exige no mínimo, um planejamento. No caso do ensino de leitura é no planejamento que torna-se nítida a concepção de leitura que o professor tem. Isto porque toda sua ação pedagógica terá um foco: seja mais direcionado para o texto, seja mais direcionado para o autor ou para o leitor. Em outras palavras, reiterando o que afirma Solé (1998) as práticas pedagógicas revelam as concepções de leitura que o professor tem. As concepções de leitura podem estar com a perspectiva no texto, no autor, no leitor ou na interação entre eles.

Foco no texto. Um ensino de leitura em que o foco está no texto o leitor “[...] caminha [...] letra por letra, palavra por palavra”, e assim chega às frases e ao texto. Nessa perspectiva de ensino a decodificação impera (MENEGASSI; ANGELO, 2010, p.18).

Foco no autor. Já na perspectiva de ensino da leitura com foco no autor “[...] o texto é visto como um produto lógico do pensamento, como uma representação mental do autor que vai para o papel, nada mais cabendo ao leitor

[...]” acrescentar aos sentidos do texto (MENEGASSI, 2010, p. 168).

Foco no leitor. Nessa perspectiva de ensino, o leitor usa seus conhecimentos prévios para fazer previsões, inferências a respeito do tema do texto que irá ler; as antecipações bastam ao leitor para que ele entenda o sentido global do texto e o que o leitor entende é a verdade absoluta (MENEGASSI; ANGELO, 2010, p.21).

Foco na interação entre autor-texto-leitor. “[...] nessa concepção, autor e leitor são sujeitos ativos que dialogam, que se constroem e são construídos no texto [...]” (MENEGASSI, 2010, p. 175).

1.1.1.1 Perguntas de leitura

Como saber se houve compreensão do participante da pesquisa, sobre aquilo que leu? Sabemos, com base nas nossas vivências pedagógicas, que o ato de fazer perguntas após uma explanação de determinado conteúdo é muito utilizado, pois as respostas nos são fonte para verificar a aprendizagem, a compreensão daquele que leu, que ouviu, enfim, que participou ativamente da aula. E sim, as respostas dos participantes são valiosos instrumentos de avaliação, uma vez que permitem verificar se os mesmos passaram por todas as etapas do processo de leitura: da decodificação à interpretação. Solé (1998) nos diz que não é um problema a prática de questionários e registros escritos após as leituras. O problema é que, com frequência, a maioria das perguntas que se seguem após a leitura de um texto, não foram elaboradas pelos professores que as aplicam e, portanto, estes não têm controle sobre a perspectiva de leitura que encaminham seus trabalhos. Daí a relevância de conhecer e entender as concepções de leitura, pois essas conduzem o processo de construção das perguntas de leitura.

Pautado nos preceitos de Solé (1998), Menegassi (2010) classifica então as perguntas de leitura que devem nortear o ensino da leitura, a serem construídas em decorrência de uma visão interacionista: a) perguntas que levem o participante a produção de resposta textual; b) perguntas que o levem a produção de resposta inferencial e c) as de resposta interpretativa. Cada uma dessas perguntas possui uma função específica e trabalhadas nessa ordem: textual → inferencial → interpretativa são capazes de levar o leitor à compreensão daquilo que lê.

Em um movimento que vai do mais simples ao mais complexo, as perguntas de leitura, quando elaboradas e organizadas dentro dos preceitos da ordenação e sequenciação, que é base do nosso projeto de leitura, gradativamente levam o leitor a uma maior compreensão do texto, pois possibilita que ele vá interagindo com o mesmo, construindo sentidos e aumentando a sua capacidade argumentativa.

Como dissemos, Menegassi (2010),¹ pautado em Solé (1998), com uma perspectiva de trabalho com foco na interação entre autor-texto-leitor, classificou as perguntas de leitura em três níveis: 1) pergunta de resposta textual; 2) pergunta de resposta inferencial e 3) pergunta de resposta interpretativa. As perguntas de resposta textual estão em 1º nível pois são consideradas respostas que podem ser encontradas na superfície do texto. Contudo, embora sejam fáceis de encontrar, não são de simples cópia. Exigem do leitor uma capacidade de sínteses e organização frasal. Em um segundo nível, estão as perguntas de resposta inferencial. Neste momento, o leitor não encontra as respostas explícitas no texto; é preciso um trabalho de inferências e deduções para se chegar à organização da resposta. É um trabalho de busca fora do texto, com base em impressões e vivências, daquilo que aparece dentro dele. Inicia-se uma “compreensão extratextual”, conforme apresentam Fuza e Menegassi (2018, p. 32).

Caminhando para a interpretação, estão as perguntas de resposta interpretativa. “[...] A resposta é produzida a partir da elaboração pessoal do leitor, sobre os conhecimentos e as experiências de sua vida pessoal, criando uma interpretação textual própria” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p. 33).

1.1.1.1.1 Ordenação e sequenciação

Buscamos nos trabalhos de Fuza e Menegassi (2017) respaldo teórico para justificar a importância do trabalho com perguntas de leitura de forma ordenada, hierarquizada:

[...] a ordenação das perguntas se configuram como importantes recursos para possibilitar o desenvolvimento do aluno como leitor, fazendo-o perceber a leitura como um processo que perpassa, inicialmente, uma decodificação maior do texto; na sequência, atribuições ao que é lido, a fim de que, ao final do percurso de leitura, alcance-se a interação (FUZA; MENEGASSI, 2017, p. 284).

Os autores, em um trabalho com o gênero discursivo panfleto institucional, mostram que as perguntas de leitura ordenadas da seguinte forma: perguntas de resposta textual → pergunta de resposta inferencial → pergunta de resposta interpretativa, promovem o desenvolvimento do leitor.

Alertam ainda que o ensino de leitura, sendo um processo, deve ocorrer antes mesmo da leitura propriamente dita. As ações de fazer previsões para depois confirmá-las ou refutá-las já fazem parte do processo leitor. A fase da pré-leitura constitui-se como uma importante fase para ativação dos conhecimentos prévios. É durante a leitura do texto que o leitor irá confirmar ou refutar as previsões que fez, dialogando com o texto e construindo sentidos para ele e expandindo seus esquemas cognitivos.

Junto ao trabalho de ordenação de perguntas está a etapa de sequenciação das respostas, o que auxilia o leitor no desenvolvimento da produção de texto e na avaliação do professor quanto à compreensão do leitor frente ao texto lido.

Após a construção de respostas textuais, inferenciais e interpretativas, a metodologia propicia ao leitor, com uma pergunta-chave, final, a elaboração de uma resposta em que as anteriores são sequenciadas

2 PRODUÇÃO TÉCNICA EDUCACIONAL

O apresentado neste documento é parte integrante da Dissertação de Mestrado Intitulada: “Por uma biblioteca viva: uma proposta para o ensino da leitura”, disponível em <http://www.uenp.edu.br/mestrado-ensino>. Para maiores informações, entre em contato com a autora: Ana Carolina de Sousa, e-mail: carolsousalbuquerque@gmail.com

2.1 UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LEITURA NA BIBLIOTECA

Este nosso projeto de intervenção didática visa aprimorar o desenvolvimento das capacidades leitoras de crianças entre 10 a 12 anos de idade, e, sobretudo, contribuir com materiais e metodologias que possam auxiliar o profissional que atua em bibliotecas públicas em ações que possam promover o ensino e o aprendizado da leitura, no contexto da biblioteca. Para tanto, sustentamo-nos na metodologia de construção de perguntas de leitura organizadas hierarquicamente (SOLÉ, 1998; MENEGASSI; ANGELO, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; FUZA; MENEGASSI, 2018).

Nosso foco é trabalhar com textos literários sem que sejam apenas “livros” que as crianças emprestam da biblioteca (pública ou escolar) ou textos tomados pelos professores como pano de fundo para atividades linguísticas. A intenção é que a literatura proporcione momentos de diversão, reflexão, discussão, aprendizado, desenvolvimento humano, tornando a biblioteca não como um lugar de empréstimo de livros, mas de um espaço significativo, em que as crianças possam também ali ter a oportunidade de desenvolvimento enquanto leitores e cidadãos participativos do mundo.

Frente nossa experiência em contexto de biblioteca, como orientadora de atividades, conhecemos as dificuldades em trabalhar com textos de maior extensão. As crianças, muito comumente, querem ler textos mais curtos, pelo tempo que elas ficam neste espaço, ou até mesmo porque a quantidade de leitura que uma pessoa tem é apresentada pelo senso comum como importante. Assim, optamos, pelo conto maravilhoso como eixo organizador de nosso projeto, pois são textos literários curtos que podem ser facilmente reproduzidos. Para tanto, sustentarmo-nos na metodologia de ordenação e sequenciação de perguntas de

leitura (MENEGASSI, 2010; FUZA, MENEGASSI, 2017; FUZA E MENEGASSI, 2018).

Importante explicarmos que este material é fruto de nossa participação no Programa de Pós-graduação em Ensino – Mestrado Profissional em Ensino (PPGEN), da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Assim, para um aprofundamento sobre as teorias e procedimentos metodológicos para a construção desta proposta, bem como dos resultados alcançados na implementação que realizamos desse projeto interventivo, recomendamos a leitura de nossa dissertação.

Essa proposta pode ainda ser adaptada para outros contos maravilhosos, contos de fadas, e ainda outros gêneros narrativos. Aqui tomamos o conto de Ricardo Azevedo, **“Os onze cisnes da princesa”**, parte da coletânea de 10 contos que formam a obra *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2002), como eixo organizador do projeto de leitura.

Para iniciar o processo de construção das perguntas de leitura, o primeiro bloco de atividades, pautado na interação (autor-texto-leitor), é organizado por perguntas pré-textuais, ou seja, perguntas que devem ser encaminhadas antes da leitura do texto propriamente dito (conf. SOLÉ, 1998); o segundo bloco, é formado por perguntas que se realizam durante o processo de leitura do texto: perguntas textuais, inferenciais e interpretativas (conf. MENEGASSI, 2010; FUZA, MENEGASSI, 2017; FUZA E MENEGASSI, 2018). E o terceiro bloco, das pergunta pós-leitura, a qual levará o leitor a produzir um texto (conf. MENEGASSI, 2010; FUZA, MENEGASSI, 2017; FUZA E MENEGASSI, 2018).

Cada uma das perguntas têm uma função importante para que o leitor caminhe para a compreensão do texto. Esse trabalho com as perguntas de leitura de forma ordenada e sequenciada permite que o ato de ler não fique na superficialidade dos textos.

Comumente nos deparamos com um ensino de leitura onde os textos são lidos coletivamente - cada participante lê partes dele enquanto o restante da turma o acompanha silenciosamente – e em seguida, são propostas atividades ditas de compreensão e interpretação textual. Ao final desse processo, vemos muitos alunos sem conseguir explicar o que acabaram de ler. Frases como “não entendi muito bem o texto...” ou “não entendi o que ele quis dizer...” são ouvidas frequentemente ao se trabalhar com a leitura textual. O PISA, por exemplo, em

2019, mostrou que apenas metade dos estudantes brasileiros atingiram o nível mínimo esperado em relação às questões de leitura. As questões referiam-se a “[...] capacidade dos alunos em identificar a ideia principal de um texto com tamanho moderado, encontrar informações com base em critérios explícitos, e refletir sobre o objetivo e forma dos textos” (CERIONI, 2019).

Nosso desejo é colaborar para um trabalho efetivo; de modo que o leitor consiga explicar com as próprias palavras os textos que lê e consiga fazer associações entre aquilo que leu e sua vida em sociedade. Essa é a função social das práticas de leitura, que o leitor, por meio de textos que lê, possa participar efetivamente da vida social.

É nesse sentido que Fuza e Menegassi (2017; 2018) propõem um trabalho de construção de perguntas de leitura a partir de uma ordenação e sequenciação, visto que,

[...] a ordenação das perguntas permite que o leitor perpassasse o texto, atribua significados a ele até chegar a sentidos possíveis para aquilo que lê. Logo, a leitura realmente é constituída por etapas, caracterizando um processo de trabalho, no qual o professor atua como mediador, instrumentalizando-se a fim de promover a participação e o desenvolvimento do aluno frente ao texto (FUZA; MENEGASSI, 2017, p. 278).

Sustentados por esses princípios, a seguir, apresentamos os blocos de atividades práticas que compõem esse caderno.

2.1.1 Primeiro Bloco: Perguntas Pré-Leitura

As perguntas pré-leitura têm a finalidade, de acordo com Solé (1998) de ativar os conhecimentos prévios do leitor a respeito do tema em abordagem no texto e do gênero textual. Nesse momento, o leitor por fazer antecipações e levantamentos de hipóteses, estratégias que Solé (1998) afirma serem imprescindíveis para um trabalho com o desenvolvimento leitor.

Conforme Sene (2019), o conto maravilhoso é um tipo de texto que “[...] narra histórias de encantamento” (p. 69), trazendo como pano de fundo problemas sociais e “tendo como fio condutor a relação entre classes econômicas e sociais” (p. 67); mantém-se na linha da magia, com personagens que estão entre o real e o imaginário.

Orientador de atividades: explique aos leitores que existem muitas formas e meios de falar sobre alguns problemas pelos quais as pessoas passam, sejam elas crianças ou adultos. Por exemplo, se um colega da escola inventa uma mentira sobre a criança, é preciso que ela reclame para a professora e para os seus pais; existem outros gêneros que tratam desse assunto de forma mais lúdica, fazendo que os leitores reflitam, sensibilizem-se e, até mesmo, mudem de atitude. Explique também que, nesse projeto, será realizada a leitura de um texto escrito por Ricardo Azevedo, escritor muito conhecido por tratar de assuntos bastante sérios, mas por meio de personagens e acontecimentos que envolvem a realidade e o imaginário, promovendo uma reflexão descontraída e lúdica por parte de seus leitores. **O texto a ser lido é “Os onze cisnes da princesa”, um conto maravilhoso inserido na coletânea *No meio da noite escura tem um pé de maravilha* (2002).**

Objetivos da proposta: conhecer um conto maravilhoso; refletir e discutir sobre problemas sociais presente na vida das crianças: o ciúme, a inveja; a comparação entre os pares, a maldade, a coragem, a felicidade e a empatia – de forma lúdica, com elementos mágicos, proporcionando à criança a compreensão de que é possível falar de muitas coisas de diversas formas.

Atividades

1. Qual é o título do texto?

Sugestão de resposta: O título do texto é “Os onze cisnes da princesa”

2. Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictícias/imaginárias? Explique.

Sugestão de resposta: Pelo título é possível entender que a história tratará de questões fictícias, por envolver uma personagem que é princesa.

3. Qual história você imagina que será contada neste texto, a considerar o título?

Resposta pessoal.

4. Por que, na sua opinião, a princesa tem onze cisnes?

Resposta pessoal.

5. O texto que vamos ler é um conto maravilhoso. Você já leu algum conto maravilhoso? Se sim, qual era o tema tratado no conto?

Resposta pessoal.

6. Você sabe quais temas são tratados nos contos maravilhosos?

Orientador de atividades: *explicar aos leitores quais temáticas podem ser abordadas em contos maravilhosos: refletir e discutir sobre problemas sociais presentes na vida das crianças: a curiosidade; a busca pela felicidade, a coragem, persistência, o arrependimento, a maldade, o ciúmes e a inveja – de forma lúdica, com elementos mágicos, proporcionando à criança a compreensão que é possível falar de muitas coisas de diversas formas. Conforme Candido (2011), os textos literários se constituem de instrumentos humanizadores, por possibilitarem o exercício da reflexão e a percepção da complexidade do mundo e das relações sociais que os circundam.*

8. Onde esse texto pode ser encontrado?

Sugestão de resposta: Esse texto é encontrado em livros, sites e blogs.

Depois das atividades antes da leitura, é chegado o momento da leitura propriamente dita do conto e de uma nova sequência de perguntas.

2.1.1.1 Segundo bloco: a leitura do conto e as perguntas durante a leitura

Para a construção das perguntas textuais, inferenciais e interpretativas (MENEGASSI, 2010; FUZA; MENEGASSI, 2017; 2018), partimos das ideias temáticas (ideias principais) que constituem o conto e o conjunto das ações desenvolvidas pelo personagem protagonista da história. Assim, o primeiro passo foi identificar esses aspectos no texto. O leitor é orientado a atentar-se à linearidade do enredo, “Os onze cisnes da princesa” (AZEVEDO, 2007), cuja estrutura formal e regular é organizada, predominantemente, pela sequência narrativa. Assim, a ordem dos acontecimentos ocorre da seguinte forma: situação inicial, complicação, ações, resolução e situação final (SENE, 2019).

No conto em questão, a história trata do “bem contra o mal”, de forma mágica/maravilhosa, mais especificamente trata da transgressão humana e de suas consequências. A inveja, que gera o conflito e esse é o fio condutor de toda a narrativa, mostra o quão destrutivo esse sentimento pode ser para uma família toda. O ciúme, a insegurança e o ato de se comparar com os outros são sentimentos que certamente causam impacto e geram afinidade com o universo infanto-juvenil. Brincando em universos paralelos, Azevedo (2007) traz em “Os onze cisnes da princesa” algumas inquietações que fazem parte da nossa vida em sociedade: ciúme, maldade, inveja, coragem, perseverança, solidariedade entre outros temas que podem surgir no processo de leitura, dependendo das experiências de vida que o leitor trará para o texto.

Diante do exposto, apresentamos o conto com destaque em negrito das ideias centrais.

Quadro 1 – Destaque das ideias centrais do conto Os onze cisnes da princesa

Os onze cisnes da princesa (Ricardo Azevedo)
Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha. Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo. Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e cruel feiticeira. A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei. Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante. Com os meninos, a rainha bruxa fez pior. Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora. Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram. Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano. Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai. A pobre menina, inocente, aceitou. A rainha bruxa chamou três sapos. Disse ao primeiro: - Quando a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai

ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo! A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali. Gritou. Disse que aquele monstrengo não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou, mas com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pelo grossa. **A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.**

- Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a

noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. **Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.**

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, **os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.**

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos, levantaram voo puxando a rede. **Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.**

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteira para recuperar as forças. **No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.**

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo

muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

-Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada - a partir do momento que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos, mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrastra esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalhadeira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha mania: costurar casquinhos de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os casaquinhos de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. **O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei.** Trazia más notícias. **Afirmou que a rainha era uma feiticeira.**

O rei não quis acreditar, mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casaquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco

cheio de casaquinhos e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casaquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casaquinhos de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar. **De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.**

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar. A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. **Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.**

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitiçados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito: -

Agora já posso falar! O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher. E mandou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

Só quem foi esteve lá
Quem não foi, deixou de ir
Quem gostou achou legal
Quem não gostou, se deu mal!

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

Conhecidas as ideias centrais, na organização dos acontecimentos narrativos, elaboramos as perguntas (e sugestões de respostas) de resposta textual, inferencial e interpretativa.

Atividade

Orientador de atividades: nossa sugestão é que o processo de leitura seja realizado da seguinte forma: o orientador solicita que a criança leia o texto, de forma individual e silenciosa ou que uma das crianças do grupo leia o texto em voz alta para acompanhamento das demais. Faz-se importante que cada orientador avalie a melhor ação diante dos participantes e de seu contexto específico. Depois, o orientador faz a leitura do texto, em voz alta, para o grupo, dividindo o texto conforme o esquema narrativo que o forma: situação inicial, conflitos, situação final, conforme expomos a seguir:

Quadro 2 – Parte 1: A situação inicial e a complicação

Os onze cisnes da princesa (Ricardo Azevedo)

Era uma vez um rei que tinha onze filhos e uma filha.

Um dia o rei ficou viúvo e, tempos depois, casou-se de novo.

Mal sabia ele que sua nova esposa além de muito bonita era uma terrível e

cruel feiticeira.

A rainha simplesmente detestava os doze filhos do rei.

Tanto que, assim que pôde, deu um jeito de enviar a princesa para longe. Inventou uma desculpa. Convenceu o rei que seria bom para a menina passar um tempo vivendo no campo. E assim, a princesa acabou indo morar numa fazenda distante.

Com os meninos, a rainha bruxa fez pior.

Aproveitando-se de que o rei tinha ido viajar, fez um feitiço e transformou os pobres príncipes em onze cisnes. Assustados e confusos, os filhos do rei bateram as asas e foram embora.

Quando soube do desaparecimento dos filhos, o rei chorou e soluçou. Como era possível aquilo? E perguntou. E investigou. E mandou a polícia e mandou o exército procurarem por todos os contos e recantos. Infelizmente, ninguém sabia de nada. Infelizmente, os príncipes nunca mais voltaram.

Os anos se passaram. A filha do rei veio fazer uma visita. Tinha virado uma moça muito bonita. Ao ver a beleza da princesa, a rainha feiticeira, cheia de inveja e ciúme, logo armou um plano.

Chamou a menina. Disse que a viagem tinha sido muito longa e seria melhor tomar banho antes de ver o pai.

A pobre menina, inocente, aceitou.

A rainha bruxa chamou três sapos.

Disse ao primeiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em sua cabeça. Assim ela vai ficar com pensamentos de sapo!

Disse para o segundo:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu rosto. Assim ela vai ficar com cara de sapo!

Disse para o terceiro:

- Quando a princesa estiver no banho, pule em seu coração. Assim ela vai ficar com sentimentos de sapo! A mulher caiu na gargalhada. Os sapos foram se esconder no fundo da banheira.

A filha do rei entrou na água, tomou banho e não aconteceu nada. Quando saiu da banheira deixou três rosas boiando na água.

Furiosa, ao perceber que seu feitiço não tinha funcionado, a rainha agarrou a menina e passou graxa e terra em seu corpo.

Só então a princesa foi levada ao rei.

[...]

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

Perguntas com respostas no texto:

1) O conto começa falando sobre quem? Conte um pouco da história inicial desse personagem. Sugestão de resposta: O conto começa falando sobre o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Um dia a esposa do rei faleceu e ele, depois de algum tempo, casou-se novamente.

2) O que o rei não sabia sobre a nova esposa? Sugestão de resposta: O rei não sabia que a nova esposa era uma bruxa feiticeira. Sabia apenas que ela era muito bonita.

3) O que a nova rainha fez com os filhos do rei logo depois de casar-se? Sugestão de resposta: Logo depois de casar-se com o rei, a rainha demonstrou detestar seus filhos. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para a filha dele. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei, devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes.

4) Após alguns anos a princesa veio visitar o pai. Quando a madrasta viu que a princesa virou uma linda moça, como ela reagiu e o que fez para a princesa? – Sugestão de resposta: Após alguns anos, quando a princesa veio visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja da beleza da princesa. Assim, ela armou um plano para que o rei não encontrasse a filha tão linda como ela estava, podendo até mesmo duvidar de que aquela era mesmo a princesa.

Perguntas com respostas inferenciais:

5) O plano inicial da madrasta foi bem sucedido? O que ela fez com a princesa? – Sugestão de resposta: O plano inicial da madrasta não foi bem sucedido, Por isso ela executou um segundo plano, já que a princesa, ao sair da banheira, deixou três rosas boiando na água, ou seja, transformou o feitiço em coisa boa. Diante disso, a madrasta ficou furiosa e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujou todo o corpo da princesa com terra e graxa.

6) Por que a rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina? – Sugestão de resposta: A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele.

Quadro 3 - Parte 2: As ações que encaminham para a resolução do conflito

[...]

Ao vê-la nesse estado, o homem ficou furioso. Mandou tirar a menina dali.

Gritou. Disse que aquele monstrengo não era sua filha de jeito nenhum.

A moça chorou, mas com medo da madrasta, não conseguiu explicar nada.

Aquela noite, a princesa decidiu que era melhor fugir do castelo. Esperou todo mundo dormir, saiu pela janela, pegou a estrada e foi andando.

O dia raiou. A princesa estava cansada. Sentou-se debaixo de uma árvore e começou a chorar. Suas lágrimas caíam, caíam e pouco a pouco seu rosto foi ficando limpo e lindo de novo.

Dentro dela, entretanto, formou-se um plano. Não adiantava voltar para o castelo de seu pai, pois não tinha forças para enfrentar a bruxa feiticeira. Também não adiantava ficar ali sozinha chorando à toa.

Decidiu que não ia sossegar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. Pensou isso e partiu. Andou, andou, andou e um dia encontrou um mendigo que viajava pelo mundo. O homem andava enrolado numa pele grossa. A menina perguntou a ele se, por acaso, não tinha visto onze príncipes nos lugares por onde tinha passado.

- Não vi, não – respondeu o mendigo. – Mas vi onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça.

A menina arregalou os olhos:

- Só podem ser eles!

O homem explicou que tinha visto os cisnes num lago ali perto. A princesa agradeceu, foi até o lago e ficou esperando escondida atrás de um arbusto.

Quando o fim da tarde chegou, onze lindos cisnes surgiram voando no espaço. Vieram planando devagar e logo pousaram na terra, correram para a lagoa e ficaram nadando.

Os onze cisnes tinham coroas de ouro no alto da cabeça.

[...]

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

Perguntas com resposta no texto:

7) O que aconteceu quando o rei viu a princesa toda suja? Sugestão de resposta: Quando o rei viu a princesa toda suja, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstrengo para longe.

8) Como a princesa se sentiu não sendo reconhecida pelo pai? Ela ficou no castelo ou fugiu? – Sugestão de resposta: Não sendo reconhecida pelo pai, a princesa chorou, mas nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo, pois sentia medo da madrasta, então fugiu do castelo.

9) Após fugir do castelo, quais as decisões que a princesa tomou? – Sugestão de resposta: Após fugir do castelo a princesa tomou três decisões: 1) não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2) parar de chorar

porque isso não resolveria nada e 3) não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos.

Perguntas com resposta inferencial:

10) Ao tomar essas decisões, quais as qualidades que a princesa demonstrou ter? Explique. Sugestão de resposta: Ao tomar essas decisões a princesa demonstrou ter racionalidade, coragem e persistência.

Perguntas com resposta interpretativa:

11) Diante de problemas, todas as pessoas reagem com inteligência, racionalidade e coragem? Explique. Sugestão de resposta: Diante de problemas, cada pessoa reage de uma maneira. Nem todos conseguem reagir com inteligência, racionalidade e coragem.

Quadro 4 - Parte 3: A resolução e a situação final

[...]

Quando a escuridão da noite caiu, não se sabe como, os cisnes se transformaram em gente, a princesa sorriu encantada. Eram seus queridos irmãos. Saiu correndo de trás da moita e abraçou os irmãos que também ficaram muito felizes.

- Quanto tempo! Que saudade! Que bom ver vocês!

Aquela noite, os doze irmãos nem dormiram. Passaram o tempo todo conversando e trocando ideias. Todos falaram mal da rainha. Ela era a culpada de tudo. Ela tinha poderes mágicos. Ela queria acabar com eles. Mas, o que fazer?

Os irmãos da princesa contaram que só tinham forma de gente durante a noite. De dia, viravam cisnes novamente.

Explicaram que precisavam ter muito cuidado ao voar. Se, por acaso, estivessem voando e a noite caísse de repente, podiam virar gente no ar, despencar lá do alto e morrer.

Os onze príncipes moravam num reino distante. Para chegar até lá era preciso atravessar o mar durante dois dias.

- A sorte – disse um deles – é que no meio do caminho existe uma ilha de pedra. Quando a noite chega, aterrissamos na ilha, viramos gente de novo e ali passamos a noite. No dia seguinte, logo cedo, prosseguimos a viagem.

Mas os irmãos estavam preocupados:

- Amanhã é nosso último dia por aqui – explicou um deles. – Nosso prazo terminou. Temos que voltar para nossa casa. Só voltaremos daqui a um ano.

Dizendo que viviam num reino muito bonito, os príncipes convidaram a irmã a ir com eles para lá.

- Mas como? – perguntou a menina.

Os irmãos da princesa arranjaram corda e construíram uma rede, como essas de pescador.

No dia seguinte, logo de manhãzinha, os onze cisnes bateram asas e, juntos,

levantaram voo puxando a rede. Dentro, presa entre as cordas, lá foi a princesa.

Que viagem estranha e bonita!

Agarrada nas cordas da rede a princesa ia olhando a vida e o mundo lá do alto.

Olhava para cima e via onze cisnes com coroas de ouro na cabeça movendo suas asas elegantes.

Olhava para baixo e via o castelo onde tinha nascido, lá longe, a fazenda onde tinha morado, via montanhas, cidades, florestas, muitos caminhos e, principalmente, o mar.

Sim, porque de repente, olhando para baixo, só se via o mar.

E o tempo foi passando.

A princesa olhava para cima. Percebia que os irmãos estavam cada vez mais cansados. Batiam as asas com dificuldade. O pior é que ainda não dava para ver nenhuma ilha de pedra.

A força dos cisnes começou a acabar. O esforço era grande demais. A menina, pendurada na rede, sentiu que estava correndo perigo. Cansados, seus irmãos começavam a descer perigosamente chegando perto das ondas violentas do mar.

- Sou a culpada de tudo! – pensou a menina. – Se não estivessem me carregando, já tinham alcançado a ilha faz tempo.

A noite também foi caindo.

De repente, na linha do horizonte, surgiu um ponto.

- Força – gritou a princesa. – Falta pouco!

Era uma ilha.

Num esforço desesperado, os onze cisnes bateram e bateram asas gastando as últimas energias. No fim, conseguiram aterrissar. Logo depois, a escuridão tomou conta de tudo e os cisnes viraram gente de novo.

Daquela vez, os onze irmãos não quiseram saber de conversa. Estavam exaustos. Dormiram a noite inteirinha para recuperar as forças. No dia seguinte, logo cedo, agarraram a rede, alçaram voo e, antes do final da tarde, chegaram a seu destino.

Os cisnes moravam numa gruta, no alto de um morro. O lugar era mesmo muito bonito.

Naquela noite, depois do jantar, o irmão mais velho disse à moça:

-Experimente sonhar.

- Sonhar? – perguntou a princesa sem compreender.

- Quem sabe no sonho – continuou o irmão – surja alguma ideia, uma mensagem que ajude a gente a quebrar esse feitiço.

- Sim! É a nossa única chance – disseram os outros.

A princesa resolveu tentar.

Aquela noite, sonhou que tinha asas e estava voando no azul do céu. Chegou ao castelo de uma fada e lá conversou muito com ela. No sonho, a fada disse que tinha um jeito de quebrar o encanto que escravizava seus irmãos. Contou que em volta da gruta onde os cisnes viviam havia um certo capim amarelo. O tal capim, completou a fada, no sonho, também costumava nascer nos cemitérios.

Sempre no sonho, a fada explicou que a moça teria que colher bastante daquele capim, o suficiente para fazer com aquele capim onze casaquinhos. Quando estivessem prontos, era só vestir os cisnes que o encanto se quebrava. Mas tinha um porém.

- Se quiser mesmo quebrar o encanto – disse a fada - a partir do momento

que você começar a colher o capim, não vai mais poder falar nenhuma palavra com seus irmãos nem com ninguém. Nem uma sílaba sequer.

Enquanto seus onze irmãos não desencantasses, a princesa precisaria fingir que era muda.

- Preste bem atenção – insistiu a fada. – Se uma palavra sair de sua boca, enquanto os casacos não estiverem prontos e colocado nos cisnes, essa palavra vai virar uma faca afiada e cortar o pescoço dos onze cisnes!

A moça acordou daquele sonho apavorada.

Saiu fora da gruta. Queria falar com os irmãos, mas eles tinham saído. Olhou em volta. Viu o tal capim amarelo. Não tinha um minuto a perder.

- É agora ou nunca! – gritou ela.

E começou a catar capim.

Quando a noite caiu, os irmãos voltaram e foram logo conversar com a irmã. Encontraram a princesa diferente. Quieta. Muda. Sem dizer nada. Os irmãos estranharam.

- Só se nossa madrasta esteve aqui e fez algum feitiço!

A princesa só catava capim e, em silêncio, jogava dentro de um saco. Os irmãos chegaram a pensar que a pobre moça tinha enlouquecido.

No fim, o mais velho desconfiou:

- Já sei! Foi o sonho! Ela está fazendo uma coisa que aprendeu no sonho! Ela deve estar trabalhando para nos salvar!

Os olhos da princesa brilharam de alegria e assim os príncipes tiveram certeza.

O jeito era deixar a linda menina trabalhar.

E assim foi.

Todos os dias, a filha do rei acordava cedo e já ia colher capim. Não demorou muito, suas mãos estavam machucadas de tanta trabalheira.

Os irmãos choravam, tentavam conversar, tentavam compreender, mas a menina abaixava a cabeça e não dizia nada.

Depois de colher uma boa quantidade de capim, a moça achou que estava na hora de costurar os casaquinhos.

Uma tarde, estava trabalhando dentro da gruta, quando apareceu um cavaleiro. O rapaz desceu do cavalo. Examinou a princesa. Ficou encantado. Nunca tinha visto uma moça assim tão bonita.

Apresentou-se. Disse que era o rei. Disse que todas aquelas terras eram dele. A moça não disse nada.

O rei perguntou o que ela estava fazendo.

A princesa não podia falar uma palavra.

O rei mandou trazer uma carruagem. Disse que ia levar a moça bonita para o palácio.

Sem saber o que fazer, a princesa sentiu que era melhor obedecer. Pegou o saco cheio de capim e os três casaquinhos que já tinha feito e subiu na carruagem.

Apesar de a moça ser tão quieta, o rei foi gostando dela cada vez mais. Admirava aquela linda menina muda e sua estranha menina: costurar casquinhos de capim.

O rei tentava conversar. A moça não dizia nada. Só olhava e sorria. Mas seu olhar era tão luminoso, seu sorriso tão doce que o rei não aguentou:

- Vou me casar com você!

E já mandou preparar a festa do casamento.

Mesmo depois de casada, a princesa muda continuou fazendo os

casquinhas de capim amarelo. Quando terminou o oitavo descobriu que quase não tinha mais capim. Lembrou-se então de seu sonho. A fada dizia que o capim amarelo também costumava crescer nos cemitérios.

Aquela noite, depois que todos foram dormir, a moça vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante e foi para casa.

Infelizmente, aquela noite um nobre tinha acordado com insônia. Chegando à janela, viu a rainha indo para o cemitério.

O nobre tinha uma filha e um sonho antigo. Ver sua filha casada com o rei. A moça muda para ele era uma intrusa que viera atrapalhar seus planos. O nobre teve uma ideia. No dia seguinte, foi correndo procurar o rei. Trazia más notícias. Afirmou que a rainha era uma feiticeira.

O rei não quis acreditar, mas ficou desconfiado com a história do cemitério. Não falou nada com ninguém. Só resolveu ficar atento.

Sem saber de nada, a moça continuou costurando. Quando chegou no décimo casquinho o capim acabou de novo.

Naquela mesma noite, depois que todos foram dormir, vestiu uma capa, saiu do castelo e foi para o cemitério. Encontrou o que procurava. Catou bastante capim e voltou para casa.

Dessa vez, foi seguida pelo marido.

Quando o rei viu a rainha catando capim no cemitério àquela hora da noite não teve dúvidas.

- É feiticeira! – gritou ele espantado. Em seguida, com dor no coração, mandou prender a própria esposa.

A princesa foi a julgamento, acusada de bruxaria.

Para explicar por que estava pegando o capim, a moça teria que falar. Se falasse, matava seus onze e queridos irmãos.

Sem saída, a moça baixou a cabeça e não disse uma palavra.

Acabou julgada e condenada à morte.

Foi para a prisão esperar o dia da execução levando apenas um saco cheio de casquinhas e um resto de capim.

Chorando e soluçando, com as mãos machucadas, a princesa, sempre silenciosa, continuou a trabalhar e a trabalhar. Estava no último casquinho.

Poucos dias antes da execução, a princesa escutou um bater de asas. Um cisne com uma coroa na cabeça apareceu na janela. Era um dos seus onze irmãos. O animal espiou pelas grades, arregalou os olhos e foi embora voando.

Naquela noite, os onze homens bateram na porta do castelo. Queriam falar com o rei. Era urgente. Questão de vida ou morte.

Os soldados não quiseram saber de nada. Disseram que era muito tarde. Disseram que o rei estava muito triste. Além disso, àquela hora, já devia estar dormindo.

Quando raiou a madrugada, onze homens, desesperados, se transformaram em cisnes, bateram asas e foram embora.

Chegou o dia da execução.

Por ser considerada bruxa, a princesa rainha ia ser queimada viva. O povo, cheio de tristeza, enchia as ruas da cidade. A rainha era feiticeira! A esposa do rei era bruxa! Aquela moça tão linda! Como podia ser?

Na hora marcada, a moça apareceu de cabeça baixa, escoltada por soldados. Tinha terminado seu trabalho. Carregava um saco nas costas com onze inúteis casquinhas de capim.

O rei assistia a cena de longe, com os olhos vermelhos de tanto chorar. De repente, surgiram no ar onze cisnes com coroa de ouro. Os bichos batiam as asas furiosos. Começaram a voar em volta da moça.

O povo ficou assustado. Alguém gritou: - Isso é bruxaria!

A moça gesticulou como se pedisse mais um instante.

O carrasco já estava com a tocha na mão, pronto para acender a fogueira onde se encontrava a moça.

Os cisnes voavam e voavam sem parar. A moça tirou os casaquinhos do saco. Chorava, ria e mostrava os casaquinhos para a plateia.

Ninguém entendia o que estava acontecendo. Parecia que a rainha muda tentava dizer ou fazer alguma coisa.

O rei amava aquela moça. Mal conseguia acreditar que aquela menina tão doce fosse uma feiticeira.

Na dúvida, levantou o braço. Deu ordem para o carrasco esperar. Foi quando aconteceu uma cena de encantamento e magia.

Os cisnes pousavam em volta da moça, e ela, delicadamente, ia vestindo, cada um deles, com o casaquinho de capim. Cada casaquinho colocado era um moço que surgia do nada!

A plateia assistia a cena de boca aberta.

Onze moços apareceram na plataforma de madeira. Um deles pediu a palavra. Contou que eram irmãos da princesa. Contou que tinham sido enfeitiçados.

Foi interrompido por uma voz de mulher. Ao terminar de colocar o último casaquinho a moça bonita, a rainha condenada por ser feiticeira, deu um grito: - Agora já posso falar! O rei ficou maravilhado. Nunca tinha escutado antes a voz da própria esposa.

A moça bonita estava emocionada. Contou sua história, falou do rei seu pai, falou da morte de sua mãe, de sua madrasta e do feitiço que transformou seus onze irmãos em cisnes. Chorou. Falou da viagem pendurada numa rede. Falou do sonho e da fada. Falou de noites e dias costurando casaquinhos de capim.

O rei mandou suspender a execução. Correu para abraçar a mulher.

- Minha querida!

Em seguida, mandou selar treze cavalos e partiu a galope para o reino onde vivia seu sogro, o pai da moça bonita, a rainha.

Ao ver os doze filhos de volta, o velho monarca deu um pulo do trono e começou a chorar de alegria.

Quando soube que sua mulher tinha feito o que fez, não pensou duas vezes:

- Vai pra prisão e de lá só sai no dia de são-nunca!

O marido da princesa confessou que estava muito feliz por finalmente poder conversar com sua mulher. Estava também contente por conhecer seu sogro e seus onze cunhados. Teve uma ideia:

- Vamos começar tudo outra vez? – perguntou ele abraçando a mulher. E mandou dar outra festa de casamento, muito mais linda e muito mais colorida do que a primeira.

Só quem foi esteve lá
Quem não foi, deixou de ir
Quem gostou achou legal
Quem não gostou, se deu mal!

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. *No meio da noite escura tem um pé de maravilha!* São Paulo: Ática, 2007. p. 68-79

Perguntas com resposta no texto:

12) O que aconteceu quando a princesa conseguiu encontrar os onze irmãos? – Sugestão de resposta: Quando a princesa conseguiu encontrar os irmãos, eles ficaram muito felizes e passaram a noite conversando, contando que se transformavam em cisnes somente de dia, lembrando das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Ao final, decidiram fazer alguma coisa para desfazer o feitiço.

13) Como a princesa achou a solução para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos? – Sugestão de resposta: Para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos, a princesa recebeu um conselho do mais velho dos irmãos. O conselho era para que ela sonhasse e, assim, tentasse descobrir algum caminho para quebrar o feitiço da bruxa. No sonho, a princesa achou a solução.

14) No sonho, a fada disse que a princesa poderia quebrar o feitiço, mas tinha um risco a correr, ela não poderia, até acabar com o feitiço, conversar mais. Ninguém poderia ouvir a voz dela. Se ela falasse, seus irmãos teriam as cabeças cortadas. A princesa seguiu o sonho? – Sugestão de resposta: A princesa seguiu o sonho, mesmo correndo risco de seus irmãos terem as cabeças cortadas, caso ela falasse com alguém.

Perguntas com resposta inferencial:

15) Por que a princesa se arriscou pelos irmãos? – Sugestão de resposta: A princesa se arriscou pelos irmãos para quebrar o feitiço que a madrasta havia jogado sobre eles, e principalmente, porque os amava.

16) Ao seguir o seu sonho, novamente a princesa demonstrou ter quais qualidades? – Sugestão de resposta: Ao seguir o seu sonho, a princesa demonstrou ter coragem, inteligência, persistência, compaixão, amor.

Perguntas com resposta no texto:

17) O que aconteceu um dia enquanto a princesa estava a costurar os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos? Quem apareceu na história e o que ele fez? – Sugestão de resposta: Um dia, enquanto a princesa estava costurando os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos, apareceu um cavaleiro que ficou encantado com a princesa e a levou para o seu castelo.

18) Não morando mais na ilha, quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, onde a princesa foi colhê-los? – Sugestão de resposta: Quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, a princesa foi colhê-los no cemitério. A princesa fazia isso na calada da noite, para não ser vista e questionada sobre porque fazia casados com capim.

19) Quando um vizinho viu a princesa entrando no cemitério, a noite, e vestindo uma capa, ele foi dizer ao rei marido dela, que ela era uma feiticeira. Quando o rei foi investigar isso, o que ele viu e fez? – Sugestão de resposta: quando o rei foi investigar, ele viu a princesa entrando no cemitério e concluiu que ela era mesmo uma feiticeira, por isso mandou que a prendessem.

Perguntas com resposta inferencial:

20) Mesmo correndo o risco de morte, a princesa não voltou a falar. Por que ela fez isso? – Sugestão de resposta: A princesa, mesmo correndo o risco de morte, não voltou a falar para preservar a vida dos seus irmãos.

21) O que fez o rei, pai da princesa e dos onze príncipes, quando eles foram lá e contaram tudo que a rainha bruxa tinha feito e pelas situações que eles passaram? – Sugestão de resposta: O rei, pai da princesa e dos onze príncipes, ao saber de tudo que a rainha bruxa tinha feito, mandou prendê-la para não sair nunca.

Perguntas com resposta interpretativa:

22) Você acredita que a princesa sofreu situações de injustiça na história? Em que momentos? – Resposta pessoal.

23) Você já viveu situações de injustiças? Explique: – Resposta pessoal.

24) A rainha bruxa e o vizinho interesseiro eram pessoas muito invejosas, você conhece pessoas invejosas, ao ponto de fazerem mal para os outros por conta de inveja? Explique sua resposta. – Resposta pessoal.

25) Como você identifica quando uma pessoa é invejosa? – Resposta pessoal.

26) A princesa, mesmo passando por tantas situações de sofrimento, não deixou de fazer o possível para ajudar seus irmãos. Muitas pessoas que você conhece são corajosas assim e se preocupam em ajudar os outros? – Resposta pessoal.

27) Você é uma pessoa corajosa: corre atrás para realizar os seus sonhos? – Resposta pessoal.

As perguntas de números 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 17, 18 e 19 são perguntas de resposta textual. Como já exposto, não são perguntas em que a resposta seja apenas uma cópia de trechos do texto, o leitor as identifica no texto, mas as constrói a partir de um nível de compreensão. Destacamos que esse tipo de questão aparece em maior quantidade, depois ela se intercala com as inferenciais para dar lugar à construção de uma criticidade maior na elaboração de respostas interpretativas. Contudo, novamente ressaltamos, o aspecto quantitativo depende muito do gênero em abordagem, da extensão do texto, do objetivo da interação, da idade dos participantes etc.

As perguntas 5, 6, 10, 15, 16, 20 e 21 são de respostas inferenciais. Embora ligados ao texto de forma explícita, “o leitor precisa relacionar os elementos do texto, estabelecendo algum tipo de inferência” (FUZA; MENEGASSI, 2018, p.20). Elas são muito importantes para dar início ao processo de ligação da temática à vida, aos anseios, às crenças e às experiências do leitor, em um movimento idiossincrático.

As perguntas de respostas interpretativas são as de números 11, 22, 23, 24, 25, 26 e 27.

2.1.1.1.1 Terceiro bloco – após a leitura

Atividade

28. Do que trata o texto que você leu?

Essa é uma pergunta feita após a leitura completa do texto e respondidas as questões de leitura. No processo de ordenação e sequenciação, essa pergunta vem como a última, pois o leitor já chegou a etapa de interpretação do texto: aprendeu a trabalhar com o texto buscando nele e agregando a ele informações; também já estabeleceu relações com o que leu e suas experiências e expectativas; ele já produziu sentidos ao texto. Agora, o leitor responderá mais ativamente ao texto.

Orientador de atividades: solicite que o leitor una todas as respostas em um único texto, sem preocupar-se, nesse primeiro momento, na organização de parágrafos, apenas realizando uma justaposição das respostas. Depois, em uma segunda versão, é preciso excluir as partes desnecessárias (repetições, incoerências sintáticas geradas pela justaposição das respostas). Na sequência, na segunda versão ou em uma terceira, incluir elementos que deixem a produção textual coerente: conjunções temporais, lógicas, argumentativas; elementos coesivos etc.

Importante salientar que essa é uma estratégia de ensino enquanto o leitor ainda está em fase de formação, pois utilizá-la como método frequente para produção de resumos ou sínteses acaba tolhendo a capacidade criativa que se espera do leitor/produtor (MENEGASSI, 2010).

A seguir, apresentamos uma primeira versão do texto/resposta à pergunta 28, apenas justapondo as respostas sugeridas, a título de exemplificação.

Tabela 1 – Versão inicial da resposta/texto

Texto escrito por justaposição
1. O conto começa falando sobre o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Um dia a esposa do rei faleceu e ele, depois de algum tempo, casou-se novamente. 2. O rei não sabia que a nova esposa era uma bruxa feiticeira. Sabia apenas que ela era muito bonita. 3. Logo depois de casar-se com o rei, a rainha demonstrou detestar seus filhos. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para a filha dele. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei, devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes. 4. Após alguns anos, quando a princesa veio visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja da beleza da princesa. Assim, ela

armou um plano para que o rei não encontrasse a filha tão linda como ela estava, podendo até mesmo duvidar de que aquela era mesmo a princesa. **5.** O plano inicial da madrasta não foi bem sucedido, Por isso ela executou um segundo plano, já que a princesa, ao sair da banheira, deixou três rosas boiando na água, ou seja, transformou o feitiço em coisa boa. Diante disso, a madrasta ficou furiosa e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujou todo o corpo da princesa com terra e graxa. **6.** A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele. **7.** Quando o rei viu a princesa toda suja, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstro para longe. **8.** Não sendo reconhecida pelo pai, a princesa chorou, mas nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo, pois sentia medo da madrasta, então fugiu do castelo. **9.** Após fugir do castelo a princesa tomou três decisões: 1) não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2) parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3) não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. **10.** Ao tomar essas decisões a princesa demonstrou ter racionalidade, coragem e persistência. **11.** Diante de problemas, cada pessoa reage de uma maneira. Nem todos conseguem reagir com inteligência, racionalidade e coragem. **12.** Quando a princesa conseguiu encontrar os irmãos, eles ficaram muito felizes e passaram a noite conversando, contando que se transformavam em cisnes somente de dia, lembrando das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Ao final, decidiram fazer alguma coisa para desfazer o feitiço. **13.** Para quebrar o feitiço que a bruxa colocou sobre os irmãos, a princesa recebeu um conselho do mais velho dos irmãos. O conselho era para que ela sonhasse e, assim, tentasse descobrir algum caminho para quebrar o feitiço da bruxa. No sonho, a princesa achou a solução. **14.** A princesa seguiu o sonho, mesmo correndo risco de seus irmãos terem as cabeças cortadas, caso ela falasse com alguém. **15.** A princesa se arriscou pelos irmãos para quebrar o feitiço que a madrasta havia jogado sobre eles, e principalmente, porque os amava. **16.** Ao seguir o seu sonho, a princesa demonstrou ter coragem, inteligência, persistência, compaixão, amor. **17.** Um dia, enquanto a princesa estava costurando os casaquinhos para desfazer o feitiço dos irmãos, apareceu um cavaleiro que ficou encantado com a princesa e a levou para

o seu castelo. **18.** Quando acabou o capim para fazer os casaquinhos, a princesa foi colhe-los no cemitério. A princesa fazia isso na calada da noite, para não ser vista e questionada sobre porque fazia casados com capim. **19.** Quando o rei foi investigar, ele viu a princesa entrando no cemitério e concluiu que ela era mesmo uma feiticeira, por isso mandou que a prendessem. **20.** A princesa, mesmo correndo o risco de morte, não voltou a falar para preservar a vida dos seus irmãos. **21.** O rei, pai da princesa e dos onze príncipes, ao saber de tudo que a rainha bruxa tinha feito, mandou prendê-la para não sair nunca.

Fonte: [a pesquisadora](#).

A seguir, apresentamos uma versão final da resposta à questão 28, a qual consideramos um parâmetro do que esperamos que os participantes da intervenção produzam.

Tabela 2 – Versão final da resposta/texto

O personagem apresentado logo no início do conto é o rei. Ele tinha onze filhos e uma filha. Mas um dia sua esposa faleceu e ele, depois de algum tempo, encontrou outra mulher e casou-se novamente. A nova esposa do rei era uma bruxa feiticeira, mas disso ele não sabia. Sabia apenas que ela era muito bonita. Ao entrar para a família real, a rainha detestou os filhos do rei. Por isso, enviou a princesa para morar em uma fazenda bem longe, convencendo o rei que isso faria bem para sua filha. Para os filhos, a rainha bruxa aproveitou a ausência do rei devido a uma viagem, fez um feitiço e os transformou em onze cisnes. Ao serem transformados em cisnes, os meninos ficaram assustados e confusos, bateram asas e foram embora. Quando o rei retornou da viagem, ele quis saber de seus filhos mas, apesar de mandar até o exército procurar por eles, não obteve nenhuma resposta, ficando sem saber de nada. O rei chorou muito pelo desaparecimento dos seus meninos. Após alguns anos, ao se deparar com a princesa que havia vindo visitar o pai, a madrasta ficou enciumada e com inveja de sua beleza. Assim, ela armou um plano para que o rei não a encontrasse tão linda desconfiando que aquela moça fosse mesmo sua filha. A esposa do rei agia dessa forma porque era uma pessoa má, cheia de sentimentos destrutivos, como a inveja e o ciúmes. O plano traçado

pela madrasta foi convencer a princesa que deveria tomar um banho antes de ver seu pai, assim a madrasta escondeu 3 sapos na banheira e ordenou que cada um pulasse em uma parte do corpo dela e transformasse-a em uma moça com pensamentos, cara e sentimentos de sapo. O plano da madrasta não foi bem sucedido e a princesa, ao sair da banheira, ainda deixou três rosas boiando na água. Diante disso, a madrasta ficou furiosa por seu feitiço não ter dado certo e resolveu fazer a maldade com as próprias mãos, sujando todo o corpo da princesa com terra e graxa. A rainha queria, de qualquer forma, ofuscar a beleza da menina para que o rei não a reconhecesse e ela não perdesse seu lugar de destaque na vida dele. Ao levarem a menina toda suja para o rei, ele não a reconheceu como filha. Gritando, mandou que levassem o monstrengo para longe. Não tendo o reconhecimento do pai, a princesa chorou. Ela nem se deu ao trabalho de tentar convencê-lo pois sentia medo da madrasta. A princesa se sentiu acoada, com medo da madrasta. Com a sensação de impotência, pois nada que dissesse para convencer o rei que ela era mesmo a sua filha, resolveria. Caminhando, cansada, a princesa tomou três decisões: 1) não voltar para o castelo porque não tinha forças para enfrentar a rainha bruxa; 2) parar de chorar porque isso não resolveria nada e 3) não iria descansar enquanto não encontrasse seus onze irmãos. A princesa conseguiu encontrar seus irmãos depois de muitas andanças. No caminho à procura pelos onze príncipes, ela encontrou um mendigo e lhe perguntou se não havia visto os meninos. O mendigo lhe respondeu negativamente, porém, afirmou que havia visto onze cisnes brancos com coroas de ouro na cabeça em um lago por perto. Logo, a princesa imaginou que poderiam ser seus irmãos. Foi até o lago e escondeu-se atrás de um arbusto. Ao entardecer, viu chegando os onze cisnes brancos com coroas nas cabeças. Ao anoitecer, como em um passe de mágica, os onze cisnes se transformaram em gente. Foi então que a princesa se apresentou radiante. Eles ficaram muito felizes por terem se reencontrado e passaram a noite conversando: contando que se transformavam em cisnes durante o dia e em gente, ao cair da noite; lembrando das maldades da rainha bruxa e de que a culpa por estarem nessa situação era dela. Os filhos do rei, ao serem transformados em cisnes, foram morar em um reino distante, o qual se demorava dois dias para chegar até ele, tendo que atravessar o mar. Diziam que para sorte deles, havia no meio desse caminho uma ilha de pedra, onde, ao cair da noite, poderiam parar e

descansar, já que nas noites voltavam a ser gente. A princesa chegou a conhecer o reino onde seus irmãos estavam morando. Era uma gruta, no alto de um morro.

Fonte: [a pesquisadora](#).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com o ensino de leitura exige prática frequente e, portanto, exige-se tempo. Temos assistido a um cenário educacional que engessa ações educacionais que demandam tempo. Isto porque nas grades curriculares há muito conteúdo a ser ensinado, de diversas áreas do conhecimento para serem trabalhadas em 200 dias letivos. Exatamente por isso é que enxergamos na biblioteca um espaço ideal para o desenvolvimento e formação do leitor. O espaço físico por si só já traz nuances de formação do leitor e, sem a obrigatoriedade de seguir conteúdos formais, o profissional que está a frente desse espaço dispõe de tempo hábil para trabalhar com o ensino de leitura.

Nosso desejo, com esse Caderno Didático, é que profissionais que atuam nesses espaços (sejam bibliotecas escolares ou não) tenham subsídios para desenvolver a formação do leitor de maneira eficiente. Um ensino de leitura eficiente, a nosso ver, é aquele que leva o leitor a compreender o que lê, independente do gênero textual. Assim essa proposta pode ser adaptada a depender da faixa etária com a qual se irá desenvolver o trabalho. Acreditamos que o conjunto de perguntas de leitura se constitui como um forte guia, pois leva o leitor a voltar ao texto, a dialogar com o mesmo e assim; com perguntas que vão aumentando seu nível de complexidade, aumenta a capacidade argumentativa, discursiva e linguística do leitor. Exatamente por isso é tão importante saber construir as perguntas dentro da metodologia da ordenação e sequenciação, com foco na perspectiva interacionista do ensino de leitura.

Em nossa implementação, das 27 questões, 24 foram convergentes ao que esperávamos, isto é, se aproximaram das respostas que elaboramos como sugestões. Isso nos mostra que os participantes compreenderam 89% da leitura do conto. Apesar de o conto maravilhoso utilizado como eixo organizador do nosso trabalho ser um texto curto, sabemos que nossos participantes não estão habituados a ler e escrever acerca de textos assim. Por isso consideramos um resultado muito bom. Acreditamos também que as perguntas elaboradas e organizadas hierarquicamente contribuíram para esse resultado.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. Os onze cisnes da princesa. *In: No meio da noite escura tem um pé de maravilha!*. 2ed. São Paulo: Ática, 2007, p. 68-79.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In: Vários escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.
- CERIONI, Clara. **Em 2018, Brasil melhora no PISA, mas segue mal em comparação internacional**. Exame.com, São Paulo, dez. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/apos-dez-anos-brasil-melhora-nos-tres-indices-de-avaliacao-do-pisa-2018/>. Acesso em 31 mar. 2020.
- FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas de leitura no gênero poema. *In: BARROS, Eliana Merlin Deganutti; STORTO, Leticia Jovelina; STRIQUER, Marilucia dos Santos Domingos (Orgs.). Propostas didáticas para o ensino da língua portuguesa*. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018. p.17-42.
- FUZA, Ângela Francine; MENEGASSI, Renilson José. Ordenação e sequenciação de perguntas na leitura do gênero discursivo panfleto institucional. **Diálogo das letras**, Rio Grande do Norte, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/dialogodasletras/article/view/2377>. Acesso em 02 jun. 2020.
- MENEGASSI, Renilson José; ANGELO, Cristiane Malinoski Pianaro. Conceitos de Leitura. *In: MENEGASSI, Renilson José (Org.). Leitura e ensino*. 2 ed. Maringá-PR: Eduem, 2010. P. 15-36.
- MENEGASSI, Renilson José. Perguntas de Leitura. *In: MENEGASSI, Renilson José (Org.). Leitura e ensino*. 2 ed. Maringá-PR: Eduem, 2010. p. 167-189.
- SENE, Aline Regina Lemes de. **O gênero textual conto maravilhoso: uma proposta de intervenção didática para o desenvolvimento de capacidades de linguagem de alunos do ensino fundamental**. 2019. 273 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Cornélio Procopio, 2019.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.